

Desindexação força queda de investimentos

Roberto Setton/AE

Indústrias de máquinas fecharam 1.550 postos de trabalho somente no mês passado

LILIANA PINHEIRO

Se o governo não tirar o pé do freio, serão as novas regras salariais que empurrarão o País de um, **desaquecimento econômico** provocado para a recessão. A desindexação aponta para perdas salariais porque o governo continuará interferindo nas negociações e porque há excesso de artifícios para manter o crescimento econômico sob controle. Segundo alguns empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e análises do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), a desindexação com inflação tão alta era o que faltava para inibir investimentos em produção.

Um dos setores sensíveis a ameaças de recessão já começou a demitir. A indústria de máquinas ressentiu-se da falta de investimentos em aumento de produção e fechou 1.550 postos de trabalho apenas em junho. São 3.550 empresas de bens de capital no País que empregam hoje 224 mil pessoas, segundo o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas, Sérgio Magalhães.

As vendas de máquinas caíram 40% em junho em relação a maio, mas a produção mantém-se só pouco abaixo do normal em função de pedidos ainda em carteira. O problema é que não há muitos pedidos novos. São 1.350 postos de trabalho a menos que se inserem num quadro maior de dispensas, elaborado pela Fiesp. Em seis semanas, a indústria paulista fechou 11 mil vagas.

O setor de bens de capital é uma espécie de sinaleiro dos planos de médio e longo prazo. Para Magalhães, se eles não investem no aumento de produção é porque não acreditam na recuperação do poder de compra do consumidor. Juros altos e falta de financiamento, que vêm de alguns meses, não foram capazes de derrubar os investimentos em produção, que mantiveram nível razoável até maio, de acordo com Magalhães. Contudo, se somada a isso vem a desindexação dos salários com inflação ainda alta, qualquer fabricante pensa em rever planos.

"Não importa se chamamos de recessão ou de **desaquecimento da economia**; o fato é que a desindexação de salários tem a ver com esta expectativa porque os trabalhadores vão perder poder de compra nos setores menos organizados, que são maioria neste País", disse Magalhães. Para ele, por isso a medida provisória da desindexação conseguiu desagradar empresários e trabalhadores. Para o coordenador de produção técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Antônio Prado, os indicadores pessimistas não significam necessariamente uma onda de depressão, especialmente porque a política econômica não está totalmente definida e depende de reformas, como a do sistema tributário. Segundo Prado, está na hora de o governo tirar o pé do freio e facilitar investimentos. Do contrário, desindexação com **desaquecimento** pode rebaixar de tal modo o poder de compra dos consumidores que a recessão será inevitável.

Para o diretor de Relações Trabalhistas do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes Automotivos (Sindipecas) e negociador da Fiesp, Wilson Começanha, dificilmente a desindexação criará no médio prazo condições de aumentos de salários, como quando foi adotada em países como a França. Ao contrário, com o **desaquecimento** pode trazer prejuízos para setores menos organizados. Além disso, os salários continuam atrelados à política do governo. "A medida provisória não trouxe liberdade", afirmou. "O Estado continuará interferindo por meio do mediador e da Justiça do Trabalho".

Segundo pesquisa do Dieese, o rendimento real dos assalariados na indústria já entrou em curva descendente desde fevereiro. A pesquisa da Fiesp mostra crescimento em função de antecipações. Prado explicou que há diferenças de metodologia — a Fiesp pesquisa em empresas maiores em todo o Estado e o Dieese em domicílio e apenas na Grande São Paulo. Mas, passada a transição, as pesquisas acabarão por refletir tendência igual. O que se imagina é que seja de redução de salários.



ANO 2
BRASIL REAL
EMPRESÁRIO
ACHA QUE
SALÁRIOS VÃO
PERDER

Dejanira, diretora do sindicato, e a patroa, dona Nilce: salário passou de dois mínimos, em 1994, para R\$ 330